

O NORTE E O SUL: REGIÃO E REGIONALISMO EM MEADOS DO SÉCULO XX

Debates sobre as variadas correntes literárias visíveis na literatura mobilizam, rotineiramente, críticos, leitores e escritores. Entre os anos de 1930 e 1940, no Brasil, diferentes proposições estéticas, circunstâncias sociais e contingências políticas concorreram para circunscrever região e regionalismo como elementos distintivos chave das práticas literárias em torno do moderno romance brasileiro.

Região e regionalismo tornaram-se, então, temas frequentes e permanentemente atualizados, revelando um esforço de classificação que plasmou uma série de outras visões disjuntivas sobre o romance brasileiro: esquerda e direita; engajamento e “arte pela arte”; social e intimista, oposições que estiveram na base da produção e da circulação de diferentes obras, bem como orientaram o debate sobre a modernização da sociedade brasileira.

Norte e Sul, no entanto, constituíram o binômio que deu a tônica do modo como diferentes romances e autores foram recebidos, lidos e analisados,¹ produzindo um capítulo fértil da crítica literária² que desenhou, por sua vez, uma espécie de mapa da literatura nacional, no qual livros e autores exemplares das literaturas produzidas em diferentes regiões foram sendo fixados.

Mapa que ora era traçado por linhas que buscavam nas regiões indícios da rotinização do modernismo da Semana de Arte Moderna de 1922, ora por tintas que carregavam os tons da independência entre a literatura produzida regionalmente e os movimentos gestados longe dali.³

Sem estabelecer uma relação de causa e efeito entre as transformações desencadeadas a partir da Semana de Arte Moderna e a prosa de ficção produ-

zida no decênio seguinte, este artigo recorta aspectos da produção de José Lins do Rego e Erico Verissimo como ponto de partida para o debate sobre região e regionalismo na produção literária brasileira.

Longe de estarem alheios ao debate, os autores ajudaram a conformá-lo em dois sentidos principais: 1) a recepção crítica que interpretou suas obras a partir de um diálogo tenso, e nem sempre cuidadoso, entre nacionalismo, modernismo e regionalismo e que produziu efeitos distintos: enquanto a obra do paraibano encontraria correspondência exata no chão que figura, a do escritor sulino estaria além da literatura produzida no Rio Grande do Sul e, 2) os comentários e as reflexões dos autores que, permanentemente desafiados a refletir sobre a região e o regionalismo acabaram por sistematizar aspectos importantes do debate sobre o particular e o universal, tanto na constituição da literatura brasileira, quanto para composição de seus romances, notadamente do *Ciclo da cana-de-açúcar* e de *O tempo e o vento*.

Enfatizando o segundo aspecto, a análise percorre o itinerário de duas viagens: a de José Lins ao Rio Grande do Sul em 1940, e a de Erico Verissimo ao Recife, onze anos mais tarde. Ainda que não haja indícios de que os autores tenham se encontrado,⁴ este deslocamento espacial oferece o ponto de partida da análise justamente porque implicou, para os autores, um esforço no sentido de reconstruir o regional a partir de lugares trocados: Erico Verissimo realiza um balanço a partir do Nordeste e José Lins a partir do Rio Grande do Sul.

Frequentemente interpelados sobre seus lugares de origem, ambos sistematizaram argumentos e reflexões que, vistos em conjunto, permitem observar o modo como concorreram para aprofundar um deslocamento explicativo importante: a região passa a se constituir como um tema e um problema também referidos à sociedade, importando nas discussões acerca da formação da nação, não apenas do ponto de vista da arquitetura institucional do Estado, mas especialmente na definição dos processos sociais e históricos definidores da sociedade, de sua cultura e de suas práticas sociais.

Desse modo, o exercício analítico ora proposto busca ponderar as mediações entre literatura e sociedade e, ao fazê-lo, possibilitar que a região e o regionalismo sejam interpretados como temas que ao comportarem, a um só tempo, cultura e política, integram as disputas classificatórias sobre o mundo social, sintetizando ambivalências no processo de modernização da sociedade brasileira expressas nas tensões entre a unidade e a diversidade; a igualdade e a diferença.

DOIS ROTEIROS E UM TEMA

Em 1951, Erico Verissimo partiu rumo ao Nordeste do Brasil para uma série de conferências e conversas com leitores que percorreu cidades como Salvador, Fortaleza e Recife. Na capital pernambucana,⁵ o romancista foi questionado sobre o lugar dos gaúchos no panorama da literatura brasileira, indagação que se converteu em ponto de partida para uma breve comparação entre as literaturas do Norte e do Sul:

A posição dos gaúchos? Não é fácil definir. A literatura do Sul sempre me pareceu menos apaixonada e original que a do Norte. Há mais influência européia e um tom mais acadêmico na prosa dos escritores do Rio Grande do Sul. Moysés Vellinho explica isso dizendo que nós temos de defender permanentemente a língua contra uma possível “invasão castelhana”, daí o nosso apego à forma lusa. Há mais equilíbrio na obra dos gaúchos que na dos nortistas; mas por outro lado há menos originalidade, menos colorido, menos vibração (Verissimo, 1951: 6).

Em 1940, José Lins do Rego passou três meses viajando pelos estados meridionais do Brasil. Em companhia de Gilberto Freyre, passou pelo Paraná, por Santa Catarina e pelo Rio Grande do Sul, onde ambos permaneceram por cerca de um mês realizando uma viagem que, além de Porto Alegre, incluiu também o interior do estado.⁶ Indagado sobre a literatura do Rio Grande do Sul, o romancista observou:

Sempre pensei que o Rio Grande fosse isto que estou verificando de perto: uma grande terra, uma grande gente [...]. Em Paraná, em Santa Catarina, aqui no Rio Grande, o que a gente sente é a presença do Brasil, a unidade brasileira, que se solidifica cada vez mais. A literatura gaúcha de hoje é das mais ricas no Brasil. Os seus romancistas, poetas, ensaístas, novelistas são dos mais lidos e aplaudidos. Pode-se dizer que a literatura gaúcha de hoje é a mais rica de toda a história literária riograndense (Rego, 1940: 10).

As duas declarações dadas a jornais diários podem ser lidas como falas cordiais de viajantes que são inquiridos sobre a produção literária do período e procuram repostas capazes de retribuir a hospitalidade da imprensa e dos leitores. No entanto, para além da cordialidade, os lugares trocados acabam por revelar o esforço comum de traçar um mapa da literatura brasileira a partir de um critério regional que, sem ser particularista, seria capaz de singularizar determinados autores e obras, indicando maneiras diferentes de narrar e, portanto, de ver e classificar o mundo.

Nesse sentido, as declarações apontam para elementos que serão reiterados ao longo de suas carreiras literárias: a atribuição por José Lins de originalidade literária às diferentes produções regionais as quais, em conjunto, conformariam a literatura brasileira, e a desconfiança insistente com a qual Erico Verissimo avaliou e percebeu a produção literária sulina.

Reconhecendo virtudes e defeitos na produção local, Erico Verissimo estabelece correlações entre a formação social do Rio Grande do Sul e sua formalização literária em diferentes romances:

[...] Temos de levar em conta também que no passado fomos um povo de soldados, e o fato de o nosso povoamento ter começado com um quartel é bem sugestivo. Por muitos anos fomos guardas das fronteiras, e nosso território constituiu o campo de batalha do Brasil. A mão violenta que manejava a lança e o laço dificilmente acharia gosto em segurar docemente o pincel ou a pena. [...].

Mas, voltando às letras, haverá mesmo uma literatura tipicamente gaucha? Vamos ver. Entre 1926 e 1928 tivemos um belo surto literário inspirado pela Semana de Arte Moderna de São Paulo. Deu-nos excelentes poetas, ensaístas e cronistas, mas nenhum romancista da força dum Graciliano Ramos ou dum José Lins do Rego, e certamente nenhum com o colorido e o fundo folclórico dum Jorge Amado. (O velho Simões Lopes parece que está destinado a ficar entre nós com uma eterna e mágica exceção...) Manoelito D'Ornellas, embora trate com tanta paixão de assuntos gaúchos, é um escritor mediterrâneo pelo estilo. Moyses Vellinho, Vianna Moog e Carlos Dante de Moraes podem interessar-se por assuntos regionais, mas na sua formação cultural, na sua disciplina literária são europeus, o que já não acontece, por exemplo, com Gilberto Freyre que apesar de ter feito seu curso universitário nos Estados Unidos é visceralmente pernambucano, e seu estilo e suas idéias têm sempre a mancha da terra do seu solar de Apipucos.

Não estou insinuando que essas coisas todas são boas ou más, certas ou erradas. Estou apenas dizendo como são. Graciliano Ramos, Lins do Rego, Raquel de Queiroz e Jorge Amado nasceram e passaram a infância nas suas cidades ou vilas do Nordeste, sentindo a força dramática da terra, ouvindo as histórias que o povo conta – lendas, superstições, trovas, abecês de heróis e bandidos, retirantes e “profetas adoidados”; cresceram vendo a seu redor a miséria, a fome, a doença e a dor. Emigraram para o Rio em busca duma vida melhor e lá se fizeram escritores. Psicologicamente, porém, continuaram em sua terra natal, pois sempre escreveram e continuam a escrever sobre os lugares e as gentes, as dores e as assombrações da sua infância.

[...]

(Verissimo, sem título, sem data, grafia original, documento Alev/IMS 01i0062 – sd).⁷

Ao afirmar que os habitantes do Rio Grande do Sul foram por muitos anos “guardas de fronteira” de um território definido como “campo de batalhas do Brasil”, Erico Verissimo recorta a guerra como traço distintivo da formação cultural sulina, base que sustentaria estilos singulares de produção artística e literária. Desse modo, a defesa das fronteiras e, portanto, da soberania, comportaria uma luta pela unidade que em termos culturais formula uma visão de mundo⁸ reativa à diversidade, estilisticamente tal luta orientaria a produção de estilos literários destinados a amparar a nacionalidade, não sendo, portanto, particulares.

Num exercício semelhante, José Lins também procura estabelecer o diálogo entre forma literária e processo social, mas, ao contrário do colega sulino, parte da diferença para encontrar a unidade, argumentando que:

Sempre que indagavam das minhas impressões sobre o Rio Grande, a primeira coisa que vinha ao interrogatório era esta:

- Não acha que tudo aqui é muito diferente do seu Nordeste?

Confesso que não verifiquei tanto a disparidade e que, pelo contrario, muita semelhança foi o que notei, desde as fronteiras até á mais central das cidades gauchas. Tem-se a impressão de que se vai entrar em contacto com um mundo oposto ao nosso e o que se encontra é o brasileiro. Um brasileiro com a sua personalidade característica, com a sua originalidade, mas de uma mesma família. A pinta é a mesma. [...] É fácil generalizar, afirma-se sobre gente e terra. A sociologia vai tomando no Brasil o lugar da poesia. Antigamente, todo brasileiro era um poeta; hoje todo brasileiro é um sociólogo. Basta arrevezar a frase, colocar os pronomes á Euclides da Cunha, e está feita a generalização. O gaúcho vem sendo uma vítima desta exuberância verbal de nossos sociólogos. O que ha de vivo, de original, de verdadeiramente solido na gente do Rio Grande sacrificaram para o efeito de oratória. Fizeram do inhumano uma bomba de retórica. Exageraram o que é típico, para desprezarem o que é humano (Rego, 1940: 4, grafia original).⁹

Se as diferenças são típicas e, portanto, fazem referência ao mundo abstrato das ideias e não à realidade concreta dos homens, José Lins observa que a existência de diferenças entre as partes que compõem o todo está referida às generalizações, ou seja, enquanto as abstrações produzem a diferença, a análise do concreto indicaria que longe de serem diferentes, as regiões estariam relacionadas umas às outras justamente pelas semelhanças observáveis entre os tipos sociais brasileiros.

Se à sociologia apenas caberiam as generalizações, é à literatura e ao folclore que o autor recorre para evidenciar seu ponto de vista. Destacando a originalidade do folclore rio-grandense, bem como o dinamismo de sua literatura, José Lins procura valorizar a cultura popular e as tradições regionais para acentuar a organicidade e a vitalidade das diversas culturas que constituiriam o todo nacional, como consequência:

o Brasil era o mesmo, era a grande unidade que nem meio século de estadualismo pudera corromper. Região contra estadualismo, personalidade contra uniformidade, respeito às tendências mais íntimas do povo contra a tirania de se deformar o que o povo possui de seu, de sua alma (Rego, 1941: 20).

Ao opor personalidade e unidade, José Lins destaca a força da cultura na conformação da diversidade regional e, conseqüentemente, no alinhavo da unidade fruto não dos arranjos institucionais sobre o qual se assentam a divisão entre estados, mas sim dos processos de socialização que deram forma aos costumes e às tradições que, regionais em suas manifestações, dialogam entre si, a despeito da distância.

O PAMPA, O MODERNO E AS DÚVIDAS DE UM ROMANCISTA

Ao longo de sua carreira literária, Erico Verissimo avaliou em entrevistas, artigos e manuscritos o lugar do Rio Grande do Sul em sua obra, tema constantemente retomado e longamente trabalhado pelo escritor.

Um olhar do romancista consagrado sobre seus primeiros romances oferece indícios de como a sobreposição entre moderno, urbano e universal orientou não apenas a construção de suas obras iniciais, mas esteve na base de sua recusa inicial à figuração literária do regional sobreposto, por sua vez, ao tradicional e ao particular:

apesar de neto de campeiros, considero-me um “bicho-urbano”. Passei os primeiros 25 anos de minha vida na cidade onde nasci, Cruz Alta, naqueles tempos um pacato burgo plantado num coxilhão de terra avermelhada. Foi lá que, por volta de 1929, li maravilhado o *Manhattan transfer*, de John dos Passos. Senti então que, se minha vocação era a literatura de ficção, o ambiente natural para minhas personagens só podia ser o de grandes centros urbanos como Nova Iorque, Chicago, Londres, Paris... Quem lê *Caminhos cruzados*, cuja ação se passa na Porto Alegre de 1934, imagina que a plácida capital provinciana, adormecida às margens do Guaíba, naquele primeiro terço do século XX, era uma metrópole tentacular, populosa, agitada, dramática – espécie de versão guasca de Manhattan¹⁰ (Verissimo, 1971: 29, grifo no original).

Aqui, a experiência pessoal não se sobrepõe à experiência como leitor, ponto capaz de, num olhar retrospectivo, ser particularizado como suporte do despertar da vocação literária, indicando que, para além da recuperação dos tempos da infância e da juventude, a construção do Rio Grande do Sul em narrativa obedece a questões colocadas pelo autor (e para ele) ao longo de seu fazer literário:

Meu avô materno, homem do campo, me olhava com um misto de censura e pena. Como podia eu, neto dum antigo carreteiro e tropeiro, dum gaúcho legítimo, renegar as tradições de sua terra e de sua gente? [...] Mas a verdade era que eu detestava a estância com todos os seus aspectos, costumes, cheiros e sugestões. Sim, achava uma certa beleza nos campos dobrados, nos capões, lagoas, sangas – mas a solidão das coxilhas [ilegível] me enchia a alma daquela “vil e apagada tristeza” de que falava Eça de Queiroz.

[...]

Durante os primeiros meses, quando ainda em San Francisco, muitas vezes – geralmente nos dias brumosos em que da minha janela eu via as copas das árvores do Golden Gate Park sacudidas pelo vento frio do pacífico – me vinha o desejo de começar o romance do Rio Grande. Cheguei a esboçar um novo plano que reduzia o livro a proporções mais modestas, limitando-lhe a ação à época entre 1910 e 1940, com rápidos flash backs que levariam o leitor a tempos mais remotos. Mas qual! O desejo assim como vinha de novo, ia embora. Entre meu espírito e o Rio Grande havia agora como que uma espessa cortina de nevoeiro. E eu tinha a vaga intuição de que a hora não havia ainda chegado. O romance, portanto, não perderia por esperar. [...]

Tornei ao Brasil em princípios de outubro de 1945, e em meados do ano seguinte publiquei *A volta do gato preto*. Já a essa altura possuía eu um maço de papeis com notas, dados históricos, sugestões, esboços de personagens – tudo referente ao romance cíclico. Numa tarde de domingo entreguei-me a elaboração do plano: a divisão das épocas, dos capítulos em suma – a estrutura da obra. Em meados de 1947 comecei finalmente a escrever a história. À medida que avançava a narrativa sentia-me como que redescobrimo o Rio Grande, revalorizando a sua História, compreendendo melhor seu povo e seu destino. Com alegria verifiquei que todos aqueles aspectos de nossa vida que antes me pareciam impróprios e até mesmo indignos de expressão artística surgiam com admiráveis qualidades romanescas (Verissimo, sem título, sem data, documento Alev/IMS 01i0115 – sd, grafia original).

Reafirmando seu estranhamento em relação à vida campeira, Erico Verissimo afirma que o Rio Grande do Sul foi sendo construído como tema de seu trabalho ao longo do tempo, ganhando ares de uma descoberta feita a partir do exterior, ou seja, um tema que se percebe aos poucos, à medida que percorria cidades distantes em países estrangeiros.¹¹

Pouco a pouco, ao observar a aceitação de sua trilogia e a consequente afirmação de seu nome como um importante autor de literatura brasileira, o romancista buscou explicitar os motivos que conduziram sua escrita:

A idéia de escrever uma saga do Rio Grande do Sul me veio em 1935. Em 1939 tentei começar a história mas não me senti preparado para tanto. Só comecei a escrever o romance que se chamaria O TEMPO E O VENTO, em 1947.

Creio que é o mais importante de todos os meus livros, o mais “sentido” e o mais “legítimo”. De certo modo essa história me reconciliou com meu povo e minha terra, que eu conhecia mal através de livros escolares convencionais, discursos bombásticos e poesias patrioteiras. Foi escrevendo O Tempo e o Vento que eu vim a compreender, aceitar e finalmente amar o Rio Grande do Sul.

Não considero essa obra um “romance histórico”, pois nela a minha atenção se concentrar mais nas personagens de ficção. Está claro que existe uma “cortina de fundo” tecida de acontecimentos históricos, mas isso não justifica a classificação de “roman historique”.

Procurei nesse livro evitar excessos regionalistas de linguagem, para que a história e as personagens pudessem ter um sentido, se possível universal.

Em suma: este é o livro pelo qual quero ser julgado... se houver algum julgamento (Verissimo, “O tempo e o vento”, s/d, documento Alev/IMS 01i0117 – sd, grafia original).

Apesar do desconforto com a vida campeira e da desconfiança em relação ao regionalismo como opção para a escrita literária, Erico Verissimo atribui à trilogia *O tempo e o vento* sua reconciliação com uma terra, agora, nomeada como sua.

Para além de questões pessoais, nota-se que o autor relaciona seu pouco conhecimento sobre o Rio Grande do Sul ao recurso a “livros escolares convencionais, discursos bombásticos e poesias patrioteiras”, apontando limitações no modo como o Rio Grande vinha sendo estudado, cantado e construído politicamente.

Desse modo, aponta o esforço de reconstruir o Rio Grande do Sul por meio da escrita de uma narrativa capaz de compreender a formação social e histórica da região a partir de um novo ponto de vista, distante do convencionalismo dos livros escolares, do patriotismo das poesias gauchescas e da *mise-en-scène* dos discursos.

Como consequência, a figuração de temas e problemas regionais na literatura não estaria referida, necessariamente, ao sensível, mas sim à mobilização de novos eixos interpretativos capazes de, a um só tempo, singularizar o Rio Grande do Sul e colocá-lo em diálogo com o universal, ou seja, às eventuais limitações impostas por uma linguagem repleta de particularismos regionais,¹² o romancista opõe a universalidade da história e dos personagens, trabalhados numa longa duração que abarca duzentos anos da genealogia da família Terra-Cambará, sua saga e as idas e vindas da história sulina. Numa síntese, o regional em literatura torna-se referido a um conjunto dinamizado pela universalidade da estrutura narrativa e da composição dos personagens.

A PARTE, O TODO E AS CERTEZAS DE UM ROMANCISTA

A viagem ao Rio Grande do Sul é acionada por José Lins em diferentes ocasiões, sempre com vistas a destacar que a unidade nacional decorre da afirmação da diversidade regional. Um exemplo pode ser encontrado no prefácio que o romancista escreve a *Região e tradição*, livro de Gilberto Freyre:

na nossa viagem ao Rio Grande, 16 annos após o Congresso Regionalista do Recife, as idéias de Gilberto Freyre foram se encontrando com ele na realidade, todas ellas confirmadas no contacto com a gente e a terra que mais cultivaram as suas particularidades e eram, no entanto, tão irmãs dos nordestinos, dos bahianos, dos mineiros, de todo o Brasil. O Rio Grande foi um campo prodigioso para o sociologo confirmar e sentir a força da colonização portuguesa. O que elle sustentara em *Casa-Grande* víamos ali ao nosso contacto. Casas, móveis, jeitos de falar, de andar, de sentir, de comer, de rezar e por tudo isto bem á mostra a marca lusitana, o açoriano de cara comprida de Rio Pardo vivo e bulindo ainda por toda parte (Rego, 1941: 20, grafia original).

Destacando as semelhanças, o romancista não ressalta a uniformidade, ao contrário, “casas, móveis, jeitos de falar, de andar, de sentir, de comer, de rezar” são acionados justamente para reafirmar a diversidade regional alinhavada via colonização portuguesa. Assim, é sobre a diversidade que José Lins assenta a linha mestra do regionalismo:

ser de sua região, de seu canto de terra, para ser-se mais uma pessoa, uma criatura viva, mais ligada á realidade. Ser de sua casa para ser intensamente da humanidade. Nesse sentido o regionalismo do Congresso do Recife merecia que se propagasse por todo o Brasil, porque é essencialmente revelador e vitalizador do character brasileiro e da personalidade humana. Com um regionalismo desses é que poderemos fortalecer mais ainda a unidade brasileira. Porque cultivando o que

cada um tem de mais pessoal, de mais proprio, vamos dando mais vida ao grupo político, formando um povo que não será uma massa uniforme e sem côr (Rego, 1941: 20, grafia original).

Longe de afirmar particularismos regionais, o argumento reconhece o pertencimento à região como capaz de singularizar a pessoa, tornando-a, a um só tempo, de sua casa e da humanidade. Como resultado, seria produzido um regionalismo que, forjado no Recife, dinamizaria e fortaleceria a unidade brasileira, por meio da singularização da cultura.

No entanto, uma das questões centrais para José Lins está em produzir uma literatura fruto da sensibilidade e legítima porque vivida, isto é, “a literatura não como composição, e, sim, como vida ou manancial de vida” (Rego, 1957: 13), formulação estética que encontraria base no regionalismo cuja potência de universalidade daria suporte à arte, pois “não há grande arte que não seja nutrida assim, que não se alimente da terra, como fruto maior de todos” (Rego, 2004: 364).

Desse modo, para o autor, a experiência concreta e a sensibilidade seriam os meios privilegiados para o conhecimento do mundo, “ponto de vista de quem se liga à vida” (Rego, 1981 [1942]: 109), ou seja, experiência e sensibilidade são combinadas com vistas a construir uma memória que ao mobilizar o sensível estabelece a tradição e, ao fazê-lo, circunscreva a região, uma vez que “tradição é escolher bem, é distinguir, é poder vencer o tempo, ser mais do que o tempo” (Rego, 1981 [1942]: 110).

A afirmação do regional, portanto, deve ser qualificada a partir de outro elemento igualmente importante: a tradição. Tradição e região são tomadas, assim, como os mediadores privilegiados para o conhecimento do mundo, justamente por estarem referidos à experiência concreta.

Desse modo, a noção de pertencimento ao local torna-se o ponto de partida para a interpretação do mundo, movimento realizado à luz das experiências acumuladas em viagens pelo país, as quais teriam revelado ao romancista que “o Brasil é o mesmo de Norte a Sul: isto observei em São Paulo, Minas, por toda parte. O brasileiro é o mesmo. Não corremos assim o perigo de formação de pátrias menores, de minorias raciais, de nada disso” (Rego, 2004: 45).

Nota-se que ao mobilizar a cultura como totalidade, o autor esvazia seu sentido político e estabelece, então, seu lugar explicativo na formação da sociedade brasileira: à cultura caberia produzir e amparar pactos de coesão social que ao promoverem o constante reequilíbrio entre local, regional e nacional dão forma à diversidade e constroem a unidade nacional.

REGIÃO, REGIONALISMO E ROMANCE

Em 1951, o jornalista José Tavares de Miranda traçava um longo perfil de José Lins do Rego em sua coluna no jornal *Folha da Manhã*. O romancista era apre-

sentado como “um homem da terra. Este é o maior elogio que podemos fazer-lhes, e, tenho certeza, é o que ele mais prezara”. Ao mesmo tempo em que é um homem da terra,

José Lins do Rego é um Cavalcanti de Albuquerque de quatro costados [...]. Talvez por isso mesmo, ele fale tão mal o francês, ou outro idioma estrangeiro, espantando a si próprio depois de cada palavra pronunciada, posto que seus pés [ilegível] verdadeiramente juntados no chão comum e agreste da paisagem de sua infância, hoje clássica em nossa língua, através da linguagem de seus romances, que são lágrimas, saudades, sonho e sangue da gente brasileira (Miranda, 1951: 7).

Destacando a origem social do autor e a prosa popular de seus narradores, a reportagem ressalta o potencial dos romances para a figuração da “gente brasileira”, destacando que o autor teria os pés fincados no chão de sua infância, isto é, memória e região são destacadas como os elementos que, para além do local, revelam a vitalidade do elemento nacional na narrativa de José Lins.

Um ano depois, Tavares de Miranda dedica sua coluna a Erico Verissimo, destacando o sucesso editorial do autor: “Erico é um cartaz indiscutível. Livro seu é negócio certo para editores, livreiros e também para ele próprio” (Miranda, 1952: 7). Na descrição do jornalista, o romancista era um “homem de província, amando o seu Rio Grande e, lá vivendo como exemplo, mas modestamente” (Miranda, 1952: 7). Por fim, a reportagem destaca uma fala de Erico capaz de corroborar a afirmação de seu pertencimento à província: “– O meu grande pecado é o pouco de Brasil que tenho, talvez devido às contingências geográficas, e à formação eminentemente anglo-saxã” (Miranda, 1952: 7).

Reforçando a ideia de ser um homem de província, Erico logo afasta a possibilidade de ser visto como provinciano, na medida em que aciona sua “formação eminentemente anglo-saxã” como um traço distintivo capaz de nuanciar a distância que guardava da vida intelectual brasileira do período, bem como de singularizar sua produção. Ao mesmo tempo, o pertencimento geográfico ao Rio Grande do Sul aparece como elemento que compõe a explicação do “pouco de Brasil” atribuído a si mesmo, avaliação que, note-se bem, está longe de significar que possuiria “muito de Rio Grande do Sul”.

A articulação entre lugar e experiência percorre parte significativa da recepção crítica de Erico Verissimo e José Lins, construindo as balizas de uma reflexão que, sem ser imposta, torna-se inescapável e ganha contornos originais ao ser reelaborada pelos autores: enquanto para José Lins a singularidade regional é via de acesso ao universal, Erico parece desconfiar desta relação, colocando-a em permanente suspeição.

Uma breve incursão pelos projetos literários mais ambiciosos dos dois autores, o *Ciclo da cana-de-açúcar* e *O tempo e o vento*, torna-se possível perceber que ambos se encontram no esforço de deslocar o regional para o centro de suas criações literárias, assumindo a região como um ponto de vista para a organização da matéria narrada, bem como para a classificação do mundo social.

Se a temática não é inédita, o procedimento da composição literária apresenta inovações importantes, isto é, tanto Erico Verissimo, quanto José Lins não tomam o regional como reminiscências de outros tempos, antes, mobilizam o regional com vistas a estruturar suas narrativas, oferecendo soluções textuais e realizações estéticas que visam incorporar a variedade de respostas locais à modernização.

Acionando o regional para qualificar o contemporâneo, o regionalismo circunscrito nos dois conjuntos de obras busca estabelecer nexos entre forma literária e processo social, tomando a região como parte constitutiva da experiência social, ponto de vista para a problematização do presente e atribuição de sentido ao passado. Assim, nas duas narrativas, a família aparece como eixos em torno dos quais personagens, ações e dilemas gravitam.

Em *O tempo e o vento*, a família é apresentada ao leitor na longa duração histórica, sendo possível reconstruir sua genealogia e, ponto decisivo, notar que os Terra-Cambará se assemelham a quaisquer outras família, tal qual se passaria com a história do Rio Grande do Sul.

Já no *Ciclo da cana-de-açúcar*, a singularidade regional é evidenciada à medida que a família de Carlos de Melo ganha contornos nítidos, assim, ao recortar a família não como uma linhagem, mas como um núcleo familiar fixo no tempo e no espaço, ela se converte no ponto de partida para a estruturação da *visão de mundo* do herói e, conseqüentemente, para a formalização literária de uma experiência social (ver Goldmann, 1959).

Como desdobramento-chave das diferentes maneiras de figurar a família no arranjo entre tradição e região, vê-se que no engenho a legitimidade da posição social do senhor de engenho faz com que o princípio de autoridade não esteja colocando em disputa, ao menos não enquanto o patriarca estiver vivo.

Já na pequena Santa Fé, a autoridade dos Cambará precisou ser permanentemente atualizada por meio de inúmeros conflitos políticos, vez por outra, armados, produzindo um contraponto entre público e privado que conforma a autoridade e o prestígio, pois as lutas, invariavelmente, são travadas entre família, de tal modo que o público atualiza um poder privado.¹³

Para Erico Verissimo, ser regional sem ser típico ou folclórico aparece como um desafio permanente que é equacionado por meio de um novo ponto de vista para a narração da história sulina: uma história regional reconstruída a partir da tensão permanente entre cultura e política, e, portanto, equilibrada numa linha instável entre a singularização do cotidiano campeiro, a prática guerreira e o diálogo com o nacional.

Assim, em *O tempo e o vento* a longa duração, ao invés de cristalizar o lento processo de invenção das tradições sulinas, acaba por colocá-lo em contexto, lançando dúvidas sobre a plasticidade destas tradições. Lendas dos tempos das missões jesuíticas, tradições políticas assentadas em lenços brancos e vermelhos e, finalmente, uma ética guerreira de origem imprecisa são combi-

nadas com vistas a desconstruir as particularidades da história social do Rio Grande do Sul, operando como marcas que singularizam personagens e ações presas ao chão histórico de uma pequena cidade serrana.

Ainda que a narrativa seja construída pelo contraponto constante entre o regional e o nacional, o sincrônico e o diacrônico, a sobreposição desses pares acaba por conduzir a narrativa e seus personagens para a encruzilhada de um presente que interdita o futuro, uma vez que faz coincidir o regional e o nacional, produzindo a necessidade de revisitar o passado.¹⁴

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto em Pernambuco o debate sobre o regionalismo ganha as páginas dos jornais ainda nos anos de 1920, orientando um esforço de construção de arcabouços teóricos, de práticas políticas e de formas estéticas capazes de dar conta da experiência social da decadência – dos engenhos de cana-de-açúcar, do dinamismo econômico e da importância política de Pernambuco e do conjunto dos estados vizinhos –, no Rio Grande do Sul será em meados dos anos de 1940 que a discussão em torno da região se articula com vistas a promover uma investigação sistemática da história sulina.

Deve-se notar, também, que o reajustamento da política que vinha sendo gestado ao longo dos anos de 1940 e culmina com a queda do Estado Novo em 1945, produz um efeito importante nas obras dos dois autores.¹⁵

Assim, os anos de 1940 evidenciam, para José Lins, os limites do culturalismo formulados anteriormente. O ocaso do Estado Novo acaba por reajustar o pacto federativo e, deste modo, agudizar, ao menos num primeiro momento, a decadência econômica e política do Nordeste. Literariamente, tal movimento aparece figurado em *Fogo morto*, obra na qual a decadência converte-se na mediação por excelência de todas as relações sociais, deixando de ser um dado de cultura circunscrita a alguns personagens para tornar-se elemento estruturante da narrativa, abarcando o conjunto dos personagens que rumam, todos, aos limites da loucura.

Já Erico Verissimo reposiciona o sentido da região, de suas lutas e atores, no pós-Estado Novo por meio da quebra de linearidade da história sulina que passa a ser figurada nos volumes finais de *O tempo e o vento* por meio de uma narrativa que combina diferentes eventos históricos e práticas sociais que, caros àquela formação histórica, tornam-se elementos-chave de uma experiência social empenhada em construir novas balizas para orientar seu diálogo com a nação.

De um lado, o regionalismo nordestino mobilizará a tradição para a construção de uma noção de região capaz de singularizar o patriarca como ator social decisivo do processo histórico, a um só tempo, local, regional e nacional. Literariamente, os acontecimentos são narrados e descritos a partir dos engenhos ou das usinas, de modo que o espaço acaba por conter em si mesmo

também o tempo. Numa síntese, a sobreposição de espaços é acompanhada por temporalidades também superpostas que, a despeito da passagem do tempo, repõem pessoas e coisas numa circularidade que indica um cotidiano fechado em si mesmo e organizado em torno do patriarca.

No extremo Sul, no entanto, a definição da região é apoiada pela noção de soberania, isto é, a articulação entre o local, o regional e o nacional passa pela recuperação das lutas políticas expressas nas inúmeras guerras e batalhas que marcaram o território sulino e, pouco a pouco, orientaram a construção de uma socialização que tem na guerra um de seus mais fortes pilares. Assim, em *O tempo e o vento*, história e política constroem o sentido da narrativa, tecendo um fio frágil que alinhava local, regional e nacional, numa narrativa cujos atores estão no meio do caminho entre o campo e a cidade, o patriarcado rural e a burguesia urbana.

Observa-se, então, que tanto a narrativa do *Ciclo da cana-de-açúcar*, quanto a de *O tempo e o vento* procuram equacionar os arranjos entre local, regional e nacional numa chave pouco referida aos diferentes arranjos políticos e institucionais, e interessada em circunscrever o regional não a partir de tipos psicológicos ou características identitárias, antes, a região ganha historicidade sendo, então, construída como categoria de análise do mundo social.

Isto posto, investigou-se em que medida ideias produzidas localmente circulam por diferentes lugares e, ao dialogarem entre si, orientam a escrita da obra literária. Nos termos deste artigo, tratou-se de perseguir o esforço de diferentes intelectuais para circunscrever a região e o regionalismo, ato de nomear que sustentará um exercício permanente de negociação que, ao incorporar a diferença como constitutiva das experiências sociais gestadas, formula a região como uma categoria e assume o regionalismo como forma literária.

Recebido em 11/06/2013 | Aprovado em 09/01/2014

Mariana Miggiolaro Chaguri é doutora em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), professora do Departamento de Sociologia da mesma instituição. Atua na área de Pensamento Social no Brasil, com pesquisas relacionadas à sociologia da literatura. É autora de *O romancista e o engenho: José Lins do Rego e o regionalismo nordestino* (2009) e *A escrita do lugar: região e modernidade no romance brasileiro* (no prelo).

NOTAS

- 1 A distinção entre romance do Norte e do Sul como matrizes literárias distintas já é enunciada por Franklin Távora no prefácio a *O cabeleira* (1876): “as letras têm, como a política, um certo caráter geográfico; mais no Norte, do que no Sul abundam os elementos para a formação de uma literatura propriamente brasileira, filha da terra” (Távora, 1973: 27). Sobre o tema, ver Almeida (1999: 82 e ss.).
- 2 O estudo das mediações entre o particular e o universal está na base de diferentes interpretações sobre a história literária brasileira. Lúcia Miguel Pereira, por exemplo, argumenta que certa fixação pelo particular presente em diferentes períodos da história literária brasileira decorreria de nossa acidentada formação social, capaz de produzir uma cultura intelectual que, vinda da Europa, retardou o amadurecimento do nacional como tema e problema literário: “daí as anomalias da nossa evolução literária, indo do universalismo clássico para o americanismo romântico, deste para o brasileirismo, e descobrindo tarde o regionalismo” (Pereira, 2005:177). Antonio Candido, por sua vez, define a literatura aqui produzida como “eminentemente interessada” (ver Candido, 2006: 19), ou seja, voltada, no intuito dos escritores ou na opinião da crítica, para a construção de uma cultura válida para o país. Em “Literatura e cultura de 1900 a 1945” o tema também é abordado e o autor argumenta que a vida espiritual brasileira seria regida pelo contraponto entre localismo e cosmopolitismo num processo que “tem realmente consistido numa integração progressiva de experiência literária e espiritual, por meio da tensão entre o dado local (que se apresenta como substância da expressão) e os moldes herdados da tradição europeia (que se apresentam como forma da expressão)” (Candido, 2000: 110). O autor particulariza, então, o modernismo como um marco na “inauguração de um novo momento na dialética do universal, inscrevendo-se neste com força e até arrogância, por meio de armas tomadas a princípio do arsenal daquele” (Candido, 2000:119). Libertando uma série de recalques históricos, sociais e étnicos, o modernismo instauraria uma originalidade própria no trato da dialética do geral e do particular (Candido, 2000:120-122). Em alguns estudos sobre literatura e história literária,

a oposição Norte e Sul é estruturante de algumas análises como, por exemplo, Coutinho (1959). Um balanço sobre o tema na história da literatura brasileira pode ser encontrado em Bueno (2006).

- 3 Ponto controverso da história literária brasileira, alguns estudos ajudaram a delimitar as linhas mestras deste debate, destaque para o trabalho de João Luiz Lafetá que em 1930: *a crítica e o modernismo* argumenta sobre a rotinização da vanguarda modernista. Desdobramentos desta hipótese também são trabalhados por Luís Bueno (2006), cujos argumentos menos do que evidenciar gerações, procura estabelecer diálogos entre períodos distintos.
- 4 Erico Verissimo e José Lins do Rego mantiveram certa correspondência ao longo de suas carreiras profissionais. Algumas das cartas do escritor gaúcho para o colega parai-bano estão depositadas no acervo do primeiro, preservado no Instituto Moreira Salles (IMS) no Rio de Janeiro.
- 5 Em Pernambuco, Erico Verissimo foi recebido pelo governador Agamenon Magalhães numa recepção no Iate Clube do Recife. Realizou, ainda, uma conferência no salão nobre da Faculdade de Direito do Recife com o tema “Confidências de um romancista”, ocasião em que foi saudado por Olívio Montenegro (ver Erico Verissimo em Pernambuco, *Diário da Noite*, 19/11/1951; Erico Verissimo está no Recife, *Jornal do Comércio*, 20/11/1951).
- 6 As viagens pelo interior do Rio Grande do Sul permitiram ao sociólogo aprofundar o argumento sobre o sentido da colonização portuguesa no Brasil, bem como explorar o tema da diversidade regional a partir de um novo ponto geográfico, o Brasil meridional. Em declaração à reportagem do jornal paulista *Folha da Manhã*, Freyre observa: “- Devo dizer-lhe – observa o publicista – que nessas viagens de estudo que venho fazendo através do nosso paiz, é sempre um prazer para mim verificar os elementos de unidade social do Brasil, ao lado dos de saudável diferenciação regional” (*Folha da Manhã*, 13/01/1940, p. 5). Ainda no ano de 1940, Freyre reornou a Porto Alegre, agora para tomar parte no III Congresso de História e Geografia Sul-rio-grandense, promovido pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Apresentou a tese “Sugestões para o estudo do sobrado rio-grandense” no Congresso e, após o encerra-

mento deste, proferiu, na Biblioteca do Estado do Rio Grande do Sul, a conferência “Ilha e continente”, editada três anos depois pela Casa do Estudante do Brasil com o título *Continente e ilha*. Já a tese apresentada no congresso foi publicada originalmente nos *Anais do III Congresso sul-rio-grandense de história e geografia*, lançado em 1940 pela Editora Globo e incluído em *Problemas brasileiros de antropologia* (1943). O mesmo artigo reaparece em 1946, no sétimo número da revista *Província de São Pedro*.

- 7 Este documento datilografado e corrigido pelo autor provavelmente se refere ao rascunho de respostas a uma entrevista, cujas perguntas não estão relacionadas. Os documentos manuscritos aqui citados estão depositados no Acervo Literário Erico Verissimo/Instituto Moreira Salles – RJ (Alev/IMS).
- 8 Os argumentos aqui desenvolvidos sobre a produção de uma visão de mundo estão amparados na leitura de *Le Dieu caché*, de Lucien Goldmann, observando que no esforço de apreender o movimento entre o todo e as partes capta-se a totalidade do processo social, o autor observa que a produção de uma visão de mundo, percepção e racionalização do mundo social apenas pode ser apreendida por meio da análise do processo de socialização dos atores que a concretizam (ver Goldmann, 2005: 13-30).
- 9 Originalmente escrito para os *Diários Associados*, o artigo “Notas sobre o Rio Grande” foi reproduzido no *Diário de Notícias* de Porto Alegre e publicado com o mesmo título no livro *O vulcão e a fonte* (1958) e reproduzido em *O cravo de Mozart é eterno* (2004).
- 10 Ainda sobre o tema, observa o romancista: “No começo de minha carreira, o mais difícil de tudo foi assumir esse povo aqui como o meu povo. Falar sobre o açougueiro da esquina, sobre o homem comum de nossa cidade. Isso foi muito difícil, porque seria muito mais tentador, e talvez mais fácil, escrever, sobre Paris ou Estados Unidos” (Verissimo, 1979 [1975]: 8).
- 11 Em 1941, Erico passou três meses nos Estados Unidos, a convite do Department of State no âmbito do Programa de Boa Vizinhança do governo norte-americano sob a presidência de Roosevelt. Durante o período, Erico proferiu conferências em universidades e em entidades como o Rotary Club. As impressões dessa temporada estão em *Gato preto*

em campo de neve (1941). Em 1943, recebe novo convite do Department of State, agora para lecionar na cátedra de Literatura Brasileira na Universidade da Califórnia, transferindo-se para Berkeley com toda a família. No ano seguinte, leciona literatura e história brasileiras no Mills College, em Oakland, Califórnia. Permanece no país até 1946, ano em que lança *A volta do gato preto* (novamente sobre a estadia no exterior). Parte das aulas ministradas no exterior está reunida no livro *Breve história da literatura brasileira*, traduzido para o português em 1995. Em 1953, parte para nova estadia nos Estados Unidos, agora a convite do governo brasileiro, para dirigir o Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana, na Secretaria da Organização dos Estados Americanos, substituindo a Alceu Amoroso Lima. Vive em Washington com a família por mais três anos. Durante todo o período em que esteve no exterior, Erico Verissimo trocou intensa correspondência com interlocutores sulinos, mantendo-se atualizado sobre os debates travados localmente, bem como sobre os planos editoriais da Editora do Globo (ver Fundo de Correspondências do Alev/IMS – RJ). Sobre a estadia do escritor nos Estados Unidos, ver Fauri (2006).

- 12 Ao longo dos anos de 1940, a definição da literatura rio-grandense passa pela legitimação do tipo de linguagem empregada pelos autores a qual, mesmo apoiada em vocábulos e expressões regionais, manteria sua fidelidade à matriz lusa do idioma, afastando-se de eventuais castelhanismos. Os problemas envolvidos na definição da linguagem adequada para a produção literária rio-grandense estavam na pauta do dia, de modo que o vocabulário regional e a gramática da língua portuguesa serão os eixos em torno dos quais gravitará a discussão sobre o estilo da literatura sulina (ver Vellinho, 1945; 1946).
- 13 Em balanço sobre a sociologia brasileira, André Botelho aponta que “o baralhamento entre público e privado enquanto ordens sociais e princípios distintos de orientação das condutas como uma marca da cultura política, da sociedade e do Estado formados no Brasil desde a colonização portuguesa constitui uma das construções intelectuais mais tenazes do seu pensamento social” (Botelho, 2007: 49). No que se refere a este estudo, a produção de Gilberto Freyre e

Raymundo Faoro iluminam aspectos importantes das narrativas tanto do *Ciclo da cana-de-açúcar*, quanto de *O tempo e o vento*. A despeito das relações de amizade que ligaram José Lins e Freyre, Erico e Faoro, as obras se encontram justamente na medida em que tentam equacionar, no primeiro caso, o sentido da tradição e o lugar da região na interpretação da formação social brasileira e, no segundo, na ambiguidade entre o público e o privado que dão forma a uma socialização que, assentada no privatismo, organiza a vida pública. Evidentemente, as relações entre as obras são maiores e mais profundas do que esta nota pode explorar; de todo modo, buscá-las detalhadamente implicaria um estudo diverso, na medida em que circunscreveria a narrativa literária a partir dos diálogos possíveis com o texto sociológico.

- 14 Em ensaio dedicado a percorrer as obras de Erico Verissimo, Antonio Candido observa que a busca por uma narrativa dedicada a combinar dois eixos (o sincrônico e o diacrônico) é recorrente nos romances do autor, aparecendo em obras como *Olhai os lírios do campo* e *Caminhos cruzados*. Contudo, ao longo de *O tempo e o vento*, além da projeção de um eixo sobre o outro, de modo a inserir a ação presente na continuidade do tempo histórico, observa-se, também, a combinação entre o coletivo e o individual, “de tal forma que cada personagem é ele próprio, mas também um elo na história da família, enquanto esta, por sua vez, é um elo na história da província” (Candido, 1972: 42) e, pode-se acrescentar, um elo na história nacional.
- 15 Chave que é utilizada não apenas pelos romancistas estudados, mas que aparece, também, em diferentes registros textuais e iniciativas intelectuais como é o caso do jornal pernambucano *A Província*, dirigido por Gilberto Freyre entre 1929 e 1930, e da revista *Província de São Pedro*, mensário de arte e cultura editado pela Editora Globo. Menos do que um debate do tempo, a região aparece como espécie de saída metodológica que permite a sociólogos, historiadores e romancistas, refletir sobre a diversidade de experiências sociais que estão na base da modernidade brasileira a qual, por sua vez, seria apreendida por meio das fraturas sintetizadas na experiência regional que dá forma a diferentes pactos pela coesão social e pela unidade nacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, José Maurício Gomes de. (1999). *A tradição regionalista no romance brasileiro: (1857-1945)*. 2ª ed. rev. Rio de Janeiro: Topbooks.

Bourdieu, Pierre. (1989). A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In: *O poder simbólico*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 107-132.

Bueno, Luis. (2006). *Uma história do romance de 30*. São Paulo/Campinas: Edusp/Ed. Unicamp.

Candido, Antonio. (2006). *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos. 1750-1880*. 10ª ed. rev. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

Candido, Antonio. (2000 [1965]). Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: *Literatura e sociedade. Estudos de teoria e história literária*. 8ª ed. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, p. 109-137

Candido, Antonio. (1972). Erico Verissimo de 1930 a 1970. In: Chaves, Flávio Loureiro (org.). *O contador de histórias: 40 anos de vida literária de Erico Verissimo*. Porto Alegre: Globo, p. 40-51.

Chaves, Flávio Loureiro. (2001). *Erico Verissimo o escritor e seu tempo*. Porto Alegre: Ed. UFRGS.

Chaves, Flávio Loureiro. (1976). *Erico Verissimo: realismo e sociedade*. Porto Alegre: Globo.

Coutinho, Afrânio (dir.). (1959). *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria São José.

Fauri, Ana Letícia. (2006). *O pensamento político de Erico Verissimo: questões de identidade e ideologia*. Tese de Doutorado. PPGL/Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Goldmann, Lucien. (2005). *Le Dieu caché: étude sur la vision tragique dans les Pensées de Pascal et dans le théâtre de Racine*. Paris: Gallimard.

Miranda, José Tavares de. (1952). Nossos escritores. "A literatura brasileira é tumultuosa, desigual". Confessa que o seu grande pecado é o pouco de Brasil que tem – Todavia, é o mais lido os romancistas brasileiros – "Um homem simples". *Folha da Manhã*, São Paulo, 20 jan.

Miranda, José Tavares de. (1951). Nossos escritores. José Lins do Rego: “Não tolero a subliteratura”. Um homem de sua terra e de sua gente. *Folha da Manhã*, São Paulo, 09 set.

Nedel, Letícia Borges. (2007). Saber(-se) local: configurações do regionalismo no campo intelectual. In: Gertz, René (org.). *História geral do Rio Grande do Sul. República: da Revolução de 1930 à ditadura militar (1930-1985)*, Passo Fundo, RS: Méritos, p. 399-426 (vol. 4).

Nedel, Letícia Borges. (2005). *Um passado novo para uma história em crise: regionalistas e folcloristas no Rio Grande do Sul*. Tese de Doutorado. PPGHIS/Universidade de Brasília.

Pereira, Lucia Miguel. (2005). Regionalismo e espírito nacional. In: *A leitora e seus personagens*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graphia.

Pereira, Lucia Miguel. (1988). *História da literatura brasileira: prosa de ficção de 1870 a 1920*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp.

Rego, José Lins do. (2011 [1942]). *Fogo morto*. 71ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.

Rego, José Lins do. (2011 [1934]). *Banguê*. 23ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.

Rego, José Lins do. (2004). *O cravo de Mozart é eterno*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.

Rego, José Lins do. (2002 [1936]). *Usina*. 15ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.

Rego, José Lins do. (2002 [1932]). *Menino de engenho*. 84ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.

Rego, José Lins do. (2000 [1933]). *Doidinho*. 38ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.

Rego, José Lins do. (1981 [1942]). Do bom tradicionalismo. In: Junqueira, Ivan (org.). *Dias idos e vividos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 109-111.

Rego, José Lins do. (1957). *Presença do Nordeste na literatura*. Rio de Janeiro: MEC, Serviço de Documentação.

Rego, José Lins do. (1952). *Homens, seres e coisas*. Rio de Janeiro: MEC, Serviço de Documentação.

Rego, José Lins do. (1941). Notas sobre Gilberto Freyre. In: Freire, Gilberto. *Região e tradição*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.

- Rego, José Lins do. (1940). Notas sobre o Rio Grande. *Diário de Notícias*. Porto Alegre, 12 mar.
- Rego, José Lins do. (1924). Carta de uma geração aos srs. Gilberto Freyre e Jackson de Figueiredo. *Era Nova: Revista Quinzenal Ilustrada*, setembro, s.p.
- Schorske, Carl E. (2000). *Pensando com a história: indagações na passagem para o modernismo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Távora, Franklin. (1973). *O cabeleira*. São Paulo: Editora Três.
- Vellinho, Moysés. (1946). Sem título. *Província de São Pedro*, Porto Alegre, 2/5, jun., p. 5-6.
- Vellinho, Moysés. (1945). Sem título. *Província de São Pedro*, Porto Alegre, 1/1, jun., p. 5-7.
- Verissimo, Erico. (2004 [1963]). *O arquipélago II*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- Verissimo, Erico. (2004 [1951]). *O retrato II*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- Verissimo, Erico. (2004 [1951]). *O retrato I*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- Verissimo, Erico. (2004 [1949]). *O continente II*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- Verissimo, Erico. (2004 [1949]). *O continente I*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- Verissimo, Erico. (2003 [1963]). *O arquipélago I*. 2ª ed. São Paulo: Globo.
- Verissimo, Erico. (1979 [1951; 1975]). Erico Verissimo por ele mesmo. *Plural & Singular*, 3, fev.
- Verissimo, Erico. (1973). Seção Tendências e cultura. *Opinião*, Rio de Janeiro, 29 jan-5 fev.
- Verissimo, Erico. (1971). Porto Alegre: Ficção e realidade. *Manchete*, 1020, 6 nov.
- Verissimo, Erico. (1951). Erico Verissimo em Pernambuco. *Diário da Noite*, 19 nov.

O NORTE E O SUL: REGIÃO E REGIONALISMO EM MEADOS DO SÉCULO XX

Resumo

Partindo da premissa de que escritores se encontram no ofício comum da escrita, este artigo recorta o *Ciclo da cana-de-açúcar* de José Lins do Rego *O tempo e o vento* de Erico Verissimo, bem como artigos e entrevistas de seus autores, para investigar a produção e a circulação das ideias de região e regionalismo. Investiga-se, assim, o contexto de produção de ideias com o qual os escritores dialogam, estabelecendo um repertório de temas e problemas que sendo comum a ambos, encontra equacionamentos diversos em cada caso. Procura-se, portanto, evidenciar de que modo a tensão entre particular e singular, entre local, regional e nacional, estrutura as narrativas e produz os nexos de sentido entre forma literária e processo social, produzindo um deslocamento que faz da região o problema enfrentado e não apenas o tema narrado e do regionalismo o elemento que dá forma às narrativas.

Palavras-chave

Regionalismo;
Região;
Literatura e sociedade;
José Lins do Rego;
Erico Verissimo.

THE NORTH AND THE SOUTH: REGION AND REGIONALISM IN THE MIDDLE OF 20TH CENTURY

Abstract

This article profiles *Ciclo da cana-de-açúcar* (*The Sugar-Cane Cycle*) of José Lins do Rego and *O tempo e o vento* (*Time and the wind*) of Erico Verissimo, as well as articles and interviews of their authors to investigate the production and circulation of region and regionalism ideas. Thus, it investigates the ideas production context with which the writers dialogue establishing a repertoire of themes and issues, which although being common to both, find different resolutions in each case. Therefore, it aims to evidence that the tension between local, regional and national organizes the narratives and produces the nexus between literary form and social process, in a movement that makes the region the problem faced and not only the narrated theme, and the regionalism a forming element of the narrative.

Keywords

Regionalism;
Region;
Brazilian literature;
José Lins do Rego;
Erico Verissimo.